

# **AGRICULTURA FAMILIAR E CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DE NORMAS REGULADORAS DA AGRICULTURA ORGÂNICA EM SÃO PAULO: Feira da Associação de Agricultura Orgânica (AAO)<sup>1</sup>**

Paulo Roberto Borges de Brito<sup>2</sup>  
Yara Maria Chagas de Carvalho<sup>3</sup>

## **1 - INTRODUÇÃO**

Os agricultores do Estado de São Paulo caracterizam-se pelo seu baixo grau de envolvimento em organizações sociais. É neste quadro geral que se inserem os agricultores orgânicos e a importância das relações econômicas na promoção dessa organização.

Com a expansão do mercado e a entrada de novas empresas, com escala, capital e logística avançada, a concorrência vem se acirrando. Novas relações entre empresas estão sendo criadas, exigindo racionalização dos custos, crescente padronização das ações e ampliação da escala, que se reflete em tratamento preferencial para produtores com maior volume de produção. Crescem as experiências de agricultores familiares ou até de porte médio que estão apresentando dificuldades financeiras para se ajustar à nova realidade do mercado, e estão desistindo da produção orgânica ou reduzindo suas áreas (CARVALHO, 2002; 2004a; 2004b; 2005). Além disso, os agricultores familiares têm tido dificuldades, inerentes a essa categoria sócio-econômica, de organização e obtenção de informação, que dificultam o acesso a mercados de produtos orgânicos e restringem a difusão de forma ampla da agricultura orgânica junto a eles (ASSIS, 2002, p.70).

No caso da agricultura orgânica, além da difícil concorrência no mercado, a agricultura familiar encontra um obstáculo adicional na certificação. A característica excludente da certificação individual por auditoria de terceira parte con-

figura-se tanto pelo aspecto econômico: o custo, como pelas dificuldades culturais que representa para alguns agricultores familiares que não se apropriam da lógica do processo e têm dificuldade em cumprir as inúmeras exigências de registro. No que diz respeito ao custo, a proposta da certificação de grupo por auditoria dá a resposta adequada, mas coloca sobre a organização dos agricultores um novo desafio.

De qualquer forma, dado o caráter de neutralidade exigido e a prescrição do que é proibido e permitido acompanhado das penalidades para quem não cumpre as normas, a certificação por auditoria tende a subordinar o agricultor e não estimula que assuma o papel de protagonista, fundamental à prática de produtor - pesquisador, que caracteriza o modo orgânico de produção.

As formas de certificação que estão sendo desenvolvidas: certificação de grupo por auditoria (iniciativa de âmbito internacional) e a certificação participativa (nacional) buscam adequar-se às características dos agricultores familiares e reduzir o potencial excludente da certificação, estimulando o trabalho em grupos e resgatando o papel de protagonista do produtor. De forma geral, porém mais especificamente em São Paulo, esse fato coloca a necessidade de se avaliarem os desafios, as possibilidades e as vantagens de se introduzirem procedimentos participativos na certificação de agricultores familiares no Estado de São Paulo, seja ela a de grupo, mais próxima à prática dos agricultores orgânicos tradicionais do Estado, seja ela a participativa. Com grande apelo, principalmente, para os que se iniciam na atividade.

## **2 - OBJETIVO**

A partir da Feira de Produtos Orgânicos da Associação de Agricultura Orgânica (AAO), no Parque da Água Branca na cidade de São Paulo, analisam-se a necessidade, o interesse e

<sup>1</sup>Artigo desenvolvido a partir da dissertação de mestrado do primeiro autor: O controle social no processo de certificação de grupo por auditoria externa: o caso APROVE pela AAOcert. Registrado no CCTC, IE-14/2006.

<sup>2</sup>Economia, Mestre (e-mail: pbrito@usp.br, paulo.brito@arocha.org).

<sup>3</sup>Economista, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: yacarvalho@iea.sp.gov.br).

a capacidade dos produtores orgânicos familiares de se organizarem e constroem suas próprias normas, e, em que medida, esta participação leva à maior compreensão e observância das regras consensuadas.

### 3 - FEIRA DA ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA ORGÂNICA (AAO)

O movimento de agricultura orgânica em São Paulo desenvolveu-se no bojo do movimento pela agricultura alternativa que integrou todo o País, como resposta ao avanço da agricultura quimificada. Antecede a esse movimento experiências trazidas por grupos de migrantes que aportaram no País com seus princípios filosóficos e espirituais (CARVALHO, 2002; 2005).

Em São Paulo, vários movimentos foram se destacando, como a agricultura biodinâmica, natural, entre outros, até que, em 1989, todos esses movimentos consideraram relevante, para o avanço do movimento no Estado, integrem-se de maneira a dar origem à formação de uma nova entidade, a Associação de Agricultura Orgânica (AAO).

Através dela criou-se a feira de produtos orgânicos no Parque da Água Branca, na cidade de São Paulo, em 23 de fevereiro de 1991 (EHLERS, 1994), que tornou-se ponto de referência e de encontro do movimento no Estado.

Optou-se por analisar esta feira por ser a pioneira no Estado e com um tempo favorável para permitir analisar o processo de construção do capital social. A maior parte desses produtores cultiva hortaliças, segmento caracterizado pela forte concorrência.

### 4 - TIPOLOGIA DOS PRODUTORES DA FEIRA

Para identificar o interesse e a capacidade de organização dos produtores familiares na Feira da AAO optou-se por caracterizá-los em grupos definidos através do critério da organização do trabalho no estabelecimento agrícola por meio de um questionário organizado por Brito (2006).

A primeira tipificação dos produtores da Feira da AAO foi feita por Assis (2002). O autor

entrevistou 20 produtores, mas não menciona o ano do levantamento das informações. Levando-se em consideração que seu trabalho foi concluído em 2002, e com base em informações gerais sobre o andamento do trabalho, concluiu-se ter sido feito entre 2000 e 2001. Segundo a AAO, o número de produtores cadastrados na feira, nesses anos, foi sempre de 37, resultando em um número total de 17 produtores sem levantamento, correspondendo a 46% do total.

Assis (2002) classificou os 20 produtores entrevistados em 3 tipos: empresa familiar (F), empresa de gerência familiar (G) e empresa capitalista (C). Os produtores do tipo C foram subdivididos em 3 grupos (C1, C2, C3), de acordo com o número de empregados.

O mesmo autor define o tipo F como sendo uma empresa familiar onde terra e trabalho familiar são os principais recursos produtivos, com uma produção voltada principalmente para o mercado (não é caracterizada como uma unidade de comercialização de excedente). O tipo G contrata força de trabalho externa de até dois empregados. O tipo C é o que contrata mais de 2 empregados, cabendo ao proprietário somente as tarefas de administração e direção.

Este trabalho optou por uma nova terminologia, por considerá-la mais adequada:

Grupo 1 - exclusivamente familiar - baseado somente na mão-de-obra familiar, correspondendo ao grupo F de Assis (2002).

Grupo 2 - familiar - caracterizada como uma unidade de produção familiar com até 2 empregados fixos, correspondente ao grupo G de Assis (2002).

Grupo 3 - patronais - caracterizado como unidade de produção com 3 ou mais empregados fixos e dissociação do trabalho produtivo do administrativo, correspondente ao grupo C de Assis (2002). A diferenciação do tipo C não foi levada em consideração (Tabela 1).

Os dados de Assis (2002) estão apresentados e complementados na tabela 2.

A Feira atualmente tem um total de 32 produtores. O levantamento atual foi feito com 25 produtores (representando 78,12% do total dos produtores da feira), em fevereiro de 2005. Os outros 7 produtores não quiseram responder a entrevista, alegando falta de tempo, mas aceitaram responder algumas poucas perguntas que permi-

TABELA 1 - Tipologia dos Produtores da Feira da AAO, 2005<sup>1</sup>

Tipo de produtor	N. de produtores	%	Grau de instrução <sup>2</sup>														
			A			B			C			D			E		
			n.	%	s/l	n.	%	s/l	n.	%	s/l	n.	%	s/l	n.	%	s/l
<b>Grupo 1 - exclusivamente familiares</b>																	
Sem empregado	10	90	1	9,09	3	27,27	3	27,27	2	18,18	1	9,09					
Um empregado temporário	1	10							1	9,09							
Subtotal	11	100	1	9,09	3	27,27	3	27,27	3	27,27	1	9,09					
Sem levantamento <sup>3</sup>	0	0															
Subtotal + sem levantamento	11	100	1	9,09	3	27,27	3	27,27	3	27,27	1	9,09					
<b>Grupo 2 - familiares</b>																	
Um empregado fixo	5	45,45			1	9,09	1	9,09	1	9,09	2	18,18					
Dois empregados fixos	2	18,18							2	18,18							
Um empregado fixo e um temp.	1	9,09						1	9,09								
Até dois meeiros	2	18,18			1	9,09			1	9,09							
Subtotal	10	90,9			2	18,18	2	18,18	4	36,36	2	18,18					
Sem levantamento <sup>3</sup>	1	9,09							1	9,09							
Subtotal + sem levantamento	11	100			2	18,18	2	18,18	5	45,45	2	18,18					
<b>Grupo 3 - patronais</b>																	
Três empregados fixos ou mais	2	20							1	10	1	10					
Três meeiros e dois fixos ou mais	2	20			1	10					1	10					
Subtotal	4	40			1	10			1	10	2	20					
Sem levantamento <sup>3</sup>	6	60							1	10	5	50					
Subtotal + sem levantamento	10	100			1	10			2	20	7	70					
Total menos sem levantamento	25	80	1	4	6	24	5	20	8	32	5	20					
Total geral	32	100							2	6,25	5	15,62					

Tipo de produtor	N. de produtores	%	Problemas apontados pelos produtores da Feira da AAO com relação às normas e certificação <sup>4</sup>											
			A		B		C		D					
			n.	%	n.	%	n.	%	n.	%				
<b>Grupo 1 - exclusivamente familiares</b>														
Sem empregado	10	90	9	81,81	10	90,90	9	81,81	10	90,90				
Um empregado temporário	1	10	1	9,09	1	9,09	1	9,09	1	9,09	1	9,09		
Subtotal	11	100	10	90,9	11	100	10	90,9	11	100				
Sem levantamento <sup>3</sup>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0				
Subtotal + sem levantamento	11	100												
<b>Grupo 2 - familiares</b>														
Um empregado fixo	5	45,45	1	9,09	1	9,09	3	27,27	3	27,27				
Dois empregados fixos	2	18,18	2	18,18	2	18,18	2	18,18	2	18,18	2	18,18		
Um empregado fixo e um temp.	1	9,09	1	9,09	1	9,09	1	9,09	1	9,09	1	9,09		
Até dois meeiros	2	18,18	1	9,09	1	9,09	1	9,09	1	9,09	0	0		
Subtotal	10	90,9	5	45,45	5	45,45	7	63,63	6	54,54				
Sem levantamento <sup>3</sup>	1	9,09	0	0	0	0	0	0	0	0				
Subtotal + sem levantamento	11	100												
<b>Grupo 3 - patronais</b>														
Três empregados fixos ou mais	2	20	0	0	1	10	1	10	1	10	1	10		
Três meeiros e dois fixos ou mais	2	20	0	0	0	0	1	10	1	10	1	10		
Subtotal	4	40			1	10	2	20	2	20	2	20		
Sem levantamento <sup>3</sup>	6	60	0	0	0	0	0	0	0	0				
Subtotal + sem levantamento	10	100												
Total menos sem levantamento	25	80	15	60	17	68	19	76	19	76				
Total geral	32	100	0	0	0	0	0	0	0	0				

<sup>1</sup>O cálculo das porcentagens foi resultado do número de produtores dividido pelo tipo.

<sup>2</sup>A - 4º série do ensino fundamental incompleto, B - 4º série do ensino fundamental completo, C - 8º série do ensino fundamental completo, D - ensino médio completo, E - 3º grau completo.

<sup>3</sup>São os que não quiseram responder o questionário alegando falta de tempo.

<sup>4</sup>A - dificuldade de entendimento das normas, B - dificuldade em colocá-las em prática, C - dificuldade em registrar as informações solicitadas pela AAOcert e preenchimento de registros, D - dificuldade de organização dos produtores da Feira.

Fonte: Brito (2006).

TABELA 2 - Classificação dos Produtores, por Tipo, Feira da AAO

Tipo de produtor	n.	%
F - Empresa familiar (exclusivamente familiares)	4	20
G - Empresa de gerência familiar (familiares)	4	20
Total de empresas familiares	8	40
C1 - Empresa capitalista com desde 3 até 5 empregado	8	40
C2 - Empresa capitalista com desde 6 até 10 empregados	3	15
C3 - Empresa capitalista com 11 ou mais empregados	1	5
Total de empresas capitalistas (patronal)	12	60
Total	20	100
Sem levantamento <sup>1</sup>	17	46
Total + sem levantamento <sup>1</sup>	37	100

<sup>1</sup>Dados incluídos pelos autores deste artigo.

Fonte: Assis (2002).

tiram identificar o grupo a que pertencem.

O Grupo 1 é caracterizado por ser exclusivamente familiar, isto é, basicamente só utiliza mão-de-obra familiar. Cerca de 90% desse grupo não tem empregados e os 10% restantes somente usam mão-de-obra temporária. Este grupo representa 34,37% do total dos produtores da feira, mesmo contando os que não responderam ao questionário. Assis (2002) havia estimado a importância desse grupo em 20%, portanto, uma forte subestimação. Esse grupo de produtores foi caracterizado pelo seu pouco grau de instrução (63,63% tem até ensino médio incompleto). Apenas um produtor tem nível universitário. Este resultado é compatível com o obtido por Assis (2002) que mostra este grupo como o de menor grau de escolaridade.

O Grupo 2 é o familiar, caracterizado por utilizar até dois empregados fixos. A maioria é proprietário da terra. Este grupo também representa 34,37% do total de produtores em 2005, contrapondo-se da mesma forma aos resultados de Assis (2002) que estimou sua importância nos mesmos 20%. Este grupo é mais heterogêneo com 36,36% possuindo até o ensino fundamental; 36,36%, o ensino médio; e 18,18% o nível universitário. A pesquisa de Assis (2002) também mostra uma maior heterogeneidade desse grupo, embora tenha encontrado uma maior concentração de produtores com menor grau de instrução (60% ensino fundamental incompleto). Apenas um produtor desse grupo ficou entre os 7 que não forneceram informações, mas averiguou-se possuir ensino médio completo.

O Grupo 3 é identificado como patronal. O nível de instrução desses produtores é o mais elevado, com 70% dos produtores com nível

superior e 20% com nível médio (esses números incluem os produtores sem levantamento também). Neste levantamento, esse grupo reúne 20% do total de produtores da feira, contra 60% estimado por Assis (2002, p.54), empregando de 3 até 5 pessoas. Do ponto de vista educacional existe contradição entre os dados de Assis (2002) e da pesquisa. Segundo Assis (2002, p.58), 50% desses produtores tinham nível superior e 40% tinham primeiro grau incompleto. Nessa pesquisa os indicadores são 70% e 10%, respectivamente. O nível de informação desses produtores é melhor em relação aos grupos 1 e 2, principalmente pelo nível de contatos desses produtores e seu nível de leitura.

O trabalho de Assis et al. (1996, *apud* ASSIS, 2002) argumenta que as iniciativas pioneiras de produção orgânica, especialmente as de hortaliças, partiram de agricultores com origem urbana e os denomina de neo-rurais. No caso dos produtores da feira, especialmente do grupo 1, a maioria veio de origem rural e são produtores familiares tradicionais descapitalizados que se capitalizaram através da produção orgânica. Esta característica só é predominante no grupo 3 que no estudo dele representava a maioria (60%) enquanto neste restringe-se a 20%. Neste grupo, a maioria vem do espaço urbano, possuem outra fonte de renda, com apenas 30% do total (incluindo os sem levantamento) com mais de 6 anos de experiência. Alguns produtores desse grupo apresentam uma longa tradição familiar na agricultura patronal (50%). O conhecimento que esses produtores têm sobre o manejo orgânico, na maioria das vezes, se deve ao trabalho da AAO em apoiá-los na conversão para orgânicos, no início de suas atividades. A

atualização do conhecimento é feita, na maioria das vezes, por troca de experiência entre produtores com igual nível de informação.

Assis (2002, p.55) também afirma que o pioneirismo na adoção da agricultura orgânica se deu por parte dos horticultores mais capitalizados, negando, portanto, o papel de viabilização da agricultura familiar por este padrão tecnológico. Uma pesquisa feita com alguns dos primeiros presidentes da AAO confirma os dados deste levantamento que identificam a conversão para agricultura orgânica realizada com produtores familiares descapitalizados e com muita dificuldade para comercializar seus produtos. Há de se considerar a mudança no universo dos produtores da feira (37 para 32, mas é importante salientar que o perfil deles era de agricultores, na sua maioria, descapitalizados).

Outro aspecto relevante a ser enfatizado é que existe uma relação direta entre os tipos de agricultores identificados, exclusivamente familiar; familiar e patronal, com o nível de escolaridade, talvez sendo este um fator adicional para explicar o potencial de exclusão pela certificação, dos agricultores familiares.

## **5 - POSIÇÃO DOS PRODUTORES DA FEIRA EM RELAÇÃO À CERTIFICAÇÃO POR AUDITORIA DA AAOcert**

A posição dos produtores da feira em relação à certificação por auditoria da AAOcert foi analisada a partir da pergunta direta sobre sua capacidade de compreensão das normas e através dos exemplos dados para ilustrar o que entende e o que não entende delas.

Com base nessa questão, a maioria dos produtores que afirmaram não entender as normas para certificação da AAOcert (certificadora) estão no grupo 1. Cerca de 91% deste grupo respondeu ter essa dificuldade. Durante as entrevistas percebeu-se a dificuldade deles em entender as perguntas formuladas. Muitos deles são provenientes de famílias de origem japonesa. A geração mais velha parece ter problema para entender o português. Além disso, a maioria deste grupo tem um baixo grau de instrução e apresenta problema com a leitura. Todos manifestaram dificuldade em colocar em prática as normas. A maioria também tem dificuldade para preencher os registros e/ou planilhas demandadas pela AAOcert (70%), e 9,1% informaram ter pouca

dificuldade. Alguns pagam um técnico ou agrônomo para esse procedimento tendo assim um custo adicional. Os que não pagam terminam não preenchendo e apresentam “não-conformidades”. Todos informaram ter dificuldade para se organizar visando cumprir as exigências da certificadora. Todos os produtores deste grupo disseram não ter nenhum tipo de treinamento e/ou capacitação para entenderem ou colocarem em prática as normas da certificadora, seja por parte da AAO ou alguma outra organização. Quase 90% dos produtores do grupo 1 tem dificuldade com a compostagem, não só quando começaram como identificou Assis (2002), mas até na fase atual.

Os produtores do grupo 2, que apresentam grau de instrução mais baixo, também tiveram dificuldade em entender as perguntas do questionário da pesquisa. Os produtores deste grupo também informaram ter dificuldade em colocar essas normas em prática (45,45%). Apesar deste grupo apresentar maior grau de instrução, em relação ao anterior, 63,63% informaram ter problemas ou dificuldade no preenchimento de registros e documentos. As dificuldades mais comuns identificadas foram não saber preenchê-los (produtores com menor grau de instrução deste grupo), e falta de tempo para essa tarefa. Estes produtores também afirmam não receber nenhum tipo de treinamento e/ou capacitação para entenderem ou colocarem em prática as normas da certificadora.

No grupo 3, nenhum produtor informou ter dificuldade no entendimento das normas. Apenas 1 produtor (10% do total) tem dificuldade de colocá-las em prática. Apesar de este grupo apresentar o maior grau de instrução de todos os outros, 20% reclamam das dificuldades de preenchimento dos registros e pedidos de documentos por parte da AAOcert, por questões de tempo. Um produtor deste grupo, com 3º grau completo e plena consciência de sua realidade, disse que sua propriedade é extremamente diversificada como aconselha a agricultura orgânica, com grande número de produtos e atividades, tornando mais complexo os registros e aumentando a dificuldade em realizá-los. Alguns desses produtores, com maior grau de escolaridade, consideram que a exigência da documentação e preenchimento de registros não é apropriada para cada tipo de produtor (a documentação e planilhas para um produtor patronal são as mesmas para um produtor exclusivamente familiar e pequeno). Nenhum produtor deste grupo disse ter algum

tipo de treinamento e/ou capacitação para o preenchimento dos registros e entendimento de normas. Entretanto, este grupo é o que apresenta um grau de organização maior entre eles.

A pesquisa de Assis (2002, p.67) mostrou que 52,5% dos produtores, não identificando a que grupo pertencem, têm dificuldades iniciais quanto ao aprendizado do manejo orgânico. Em segundo lugar, a falta de tecnologia apropriada é ainda considerada uma dificuldade atual dos produtores de hortaliças.

A pesquisa também mostrou que alguns produtores do grupo 3 cultivam produtos vegetais, animais e produzem processados. A certificação por auditoria é feita por escopo (vegetal, animal e processado), sendo cada escopo um custo à parte, gerando um gasto total alto para um produtor diversificado, estimulando assim a especialização da produção.

Em suma, a dificuldade de compreensão das normas e do cumprimento dos registros parece ser diretamente correlacionada com o grau de instrução e, portanto, os mais atingidos são os agricultores familiares. O produtor enfrenta essa dificuldade sem qualquer apoio, seja da AAO, da AAOcert ou de qualquer outra organização.

## 6 - CONSTRUÇÃO DO REGULAMENTO DA FEIRA DA AAO

Por vários problemas relacionados ao espaço de organização da feira, foi proposta pela direção da AAO a construção de um regulamento para colocar "ordem" nesse espaço de comercialização. Essa atividade foi desenvolvida por agrônoma da AAO em conjunto com os produtores. Essa experiência permite mostrar a necessidade, o interesse do produtor por essa prática coletiva de construir as normas e a capacidade com a qual conseguem fazer.

As informações para avaliação da necessidade, interesse e capacidade de organização dos produtores foram obtidas a partir de entrevista com 3 produtores de cada tipo.

A necessidade de organização dos produtores da feira foi avaliada verificando como era a organização anterior ao regulamento e que problemas existiam anteriormente. Os produtores entrevistados afirmaram não ter nenhum tipo de organização do espaço da feira antes do regulamento. Não existia a comissão de feira. Os principais problemas foram: metragem insuficiente

para cada banca, acomodação inadequada das bancas de diversos tamanhos no espaço e inexistência de normas para entrada de produtos de terceiros na feira.

A partir do levantamento dos problemas existentes, houve o interesse, por parte dos produtores e da AAO, de construir o regulamento interno para organização do espaço da feira. O regulamento foi construído por meio de reuniões para tratar dos principais pontos de conflito na sua organização e gerência, visando estabelecer um contrato de conduta que possa garantir aos participantes e aos consumidores um espaço ético e organizado. Esse contrato foi construído procurando refletir a necessidade do grupo e deve ser atualizado periodicamente, com ratificação das partes interessadas: produtores, consumidores e a AAO, uma vez que esta representa outros associados não presentes no espaço da feira.

O espaço da feira é gerido pela comunidade representada na Comissão de Feira, que é guardião dos princípios discutidos nas reuniões. Essa Comissão é constituída por três produtores que tem a função de representar os produtores nas reuniões e monitorar os problemas referentes à feira. Atualmente a Comissão é constituída por dois produtores do grupo 2 e um do grupo 3.

Segundo os produtores entrevistados confirmou-se que a construção coletiva de normas, para organização da feira, resultou na definição da metragem das bancas de acordo com a disponibilidade atual de produção; dos horários de entrada de carros; normas para intercâmbio de produtos de terceiros; formação da comissão de feira para fiscalizar as regras definidas; e uso de crachá pelos produtores da feira para melhor identificação ao consumidor.

A construção participativa do regulamento demonstrou a importância da presença de uma pessoa comprometida, neste caso a agrônoma da AAO, com o grupo para atuar como agente catalisador e facilitador do processo, balizando o diálogo, e garantindo o envolvimento de todos na elaboração de uma proposta coletiva. A presença desse agente se faz necessária na continuidade do processo principalmente para o fortalecimento do grupo 1 e para o aprimoramento das normas de monitoramento da feira.

Todos os produtores do grupo 1 fizeram parte da construção do Regulamento da Feira da AAO. Muitos não conseguiam participação nas discussões, mas foram sempre encorajados

para expor seus problemas, que eram considerados pelo grupo. A agrônoma da AAO teve um importante papel ao encorajá-los nesse sentido. Os que participaram mais ativamente gostaram da experiência por se sentirem mais úteis e verem suas problemáticas sendo expostas nas reuniões, incorporando-as no regulamento, gerando maior confiança no processo, apesar da dificuldade nas discussões. Esses produtores não têm motivação para ir às reuniões em geral, têm menos acesso à informação e menor organização interna no grupo e se fazem representar por pessoas de outros grupos. A maioria sabe sobre o papel da comissão de feira e tem menos dificuldade em cumprir as normas desse regulamento quando comparado às normas da certificadora. Por causa da dificuldade em relação à última, terminam tendo problemas de cumprimento das normas da feira também. Esses problemas estão sendo solucionados gradativamente. Todos demonstraram identificar as pessoas da comissão de feira e o monitoramento feito pela AAO, em conjunto com a comissão da feira. Os produtores entrevistados desse grupo confirmaram a importância da presença do agente externo, afirmando que se ele não estivesse nas reuniões talvez não expressassem suas opiniões e idéias. Na ausência da agrônoma da AAO, reportam-se a dois dos integrantes da comissão de feira identificados como do tipo 1 e 2. Existe uma maior integração entre os produtores desses dois grupos.

Os produtores do grupo 2, por sua vez, participaram mais ativamente do processo de construção do regulamento. Entretanto, a maioria também é desmotivada a participar de outros tipos de reunião porque acham que são discutidos os mesmos assuntos com frequência e são sempre as mesmas pessoas que discutem, não solucionando os problemas. Essa é uma das causas, segundo o grupo, da tendência ao individualismo. Esse grupo disse que a comissão ainda não tem capacidade para solucionar todos os problemas da feira, passando-os para a AAO. A maioria também afirma ter maior familiaridade com as normas da feira do que com as de certificação, por serem discutidas nas reuniões. Alguns produtores, na sua maioria possuindo até 8º série do ensino fundamental, disseram não entender as normas do regulamento, mas são produtores que não freqüentaram as reuniões de elaboração das regras. Esse grupo por ser mais heterogêneo tem mais voz ativa para expressar suas opiniões e idéias. Esse grupo tem 2 produtores, de um

total de 3, na comissão de feira. Muitos produtores do grupo 1 reportam-se à esses produtores para resolver seus problemas.

Os produtores do grupo 3 que participaram da construção do Regulamento disseram que a discussão foi construtiva e importante para apontar os principais problemas enfrentados pelo grupo. Esse grupo afirmou conhecer as funções da comissão de feira, mas afirmaram que essa não anda agindo como deveria por causa da falta de tempo e conhecimento de como agir em algumas situações, devolvendo a questão para a AAO. Alguns produtores desse grupo apontaram que o monitoramento da feira é feito em conjunto com a comissão, entretanto, ela não tem a capacitação necessária, deixando passar muitos problemas importantes despercebidos. A comissão da feira tem sido útil apenas na solução dos problemas cotidianos. Esse grupo foi o que apresentou uma maior capacidade para avaliar a construção e implantação do regulamento, o que se pode associar também ao seu maior grau de instrução. Segundo as entrevistas com os produtores do grupo 1, o representante desse grupo na Comissão de feira é um bom porta-voz dos problemas existentes. O grupo 3 privilegia a expressão de suas idéias diretamente à agrônoma da AAO, mas 1 membro o faz através da comissão de feira.

Segundo as informações levantadas, existe uma maior confiança entre os produtores do grupo 1 e 2. O grupo 3 está mais desconectado e a desconfiança dentro do próprio grupo é também maior.

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se considerar que o objetivo deste trabalho foi analisar a necessidade, o interesse e a capacidade de os produtores familiares se organizarem e construir suas próprias regras, analisou-se a Feira de produtos orgânicos da AAO no Parque da Água Branca, cidade de São Paulo. Identificaram-se 3 tipos de agricultores e constatou-se que os agricultores familiares que possuem menor grau de escolaridade são também os que apresentam maior dificuldade na compreensão das normas de certificação.

Como a AAO desenvolveu um trabalho participativo com os agricultores para a formulação das regras de gestão da feira, foi possível comparar a visão dos três tipos de agricultores identificados em termos de sua compreensão das

normas da certificação e as de gestão da feira que se diferenciam em sua complexidade, mas também na forma como foi desenvolvida e lhes é apresentada. Foi também possível analisar o interesse deles em participar do processo de construção do regulamento.

O fator mais importante associado à exclusão dos agricultores familiares é a dificuldade de compreensão das normas e procedimentos, e não simplesmente a falta de tempo disponível como mencionado por alguns entrevistados. Isto demonstra a necessidade de desenvolver metodologias que possam de alguma forma superar esse obstáculo. A participação na construção do regulamento da feira da AAO mostrou-se um instrumento adequado.

Surgiram evidências de que o agente externo é fundamental para a organização do grupo à medida que fortalece a participação dos produtores enquadrados como do grupo 1 e 2 tanto na formulação do contrato com na sua implementação. Ficou demonstrado que antes da provocação da agrônoma da AAO não existia organização do espaço o que levava a crescentes conflitos. A prática do trabalho coletivo mostrou que com o interesse dos produtores foi possível construir normas para organização e minimização de problemas. Todos os produtores foram capazes de participar do processo, principalmente através da identificação de porta vozes para os produtores do grupo 1, dentro dos demais grupos. Relações de afinidade evoluíram espontaneamente para a construção de redes de confiança e credibilidade que constituem-se no “capital social” tecido ao longo dos anos de existência da feira e que supera até laços originais e diferenças de origem étnica. Nos grupos 1 e 2, agricultores de famílias de origem japonesa apontaram produtores de outras origens como sendo portadores de sua confiança, assim como estes últimos indicaram confiar em produtor de origem japonesa para representá-los.

Quanto à capacidade de compreensão das normas contratadas, os produtores do grupo 1 apresentaram grau de instrução menor em relação aos outros, apresentaram bom entendimento sobre as regras do regulamento, construídas de forma participativa, porém, por outro lado, demonstraram pouca capacidade de entendimento das regras de certificação construídas de forma autoritária (*top-down*). O grupo 2, mais heterogêneo, mas com predominância de produtores com pouco nível de instrução (abaixo do ensino médio), por

um lado, demonstrou boa compreensão do regulamento da feira, como os do grupo 1 (mesmo os de maior nível de instrução). Por outro, estes mesmos produtores também demonstraram pouca compreensão e capacidade de se organizarem para o cumprimento das regras da certificadora. O grupo 3 foi caracterizado como de maior grau de instrução (70% com nível superior). O grupo é bem capacitado e consegue organizar-se melhor em relação às exigências da certificação.

Com o uso de metodologia participativa para a construção do regulamento, todos os grupos, de uma maneira geral, conseguiram maior compreensão das regras envolvidas e uma melhor capacidade de se organizar para implantar essas regras. O monitoramento, entretanto, ainda não está sendo bem executado, sendo necessário o desenvolvimento de regras operacionais para implantá-lo.

Todos os grupos envolvidos mostraram dificuldade no preenchimento de registros e execução das normas de certificação apesar de o grupo 3 enfatizar a dificuldade em termos de tempo disponível e não compreensão.

A diversidade dos grupos em termos da escolaridade parece estar associada a um nível diferenciado de participação, comprometendo a capacidade de manifestar suas perspectivas e expectativas. A presença do facilitador permitiu superar essa dificuldade e todos sentiram que suas posições foram consideradas. Todos os grupos manifestaram interesse em se organizarem para a construção do regulamento. Isso também motivou-os a ouvirem os problemas de todos. Além disso, os produtores dos diferentes grupos, de uma maneira geral, mostraram interesse pelo método participativo não só para a construção do regulamento da feira, mas também para as normas de certificação, entretanto, não sabem como fazer este processo efetivamente.

A prática da construção participativa do regulamento identificou a importância do agente externo (nesse caso, a agrônoma da AAO) para atuar como facilitadora do processo balizando o diálogo, e garantindo o envolvimento de todos. A presença desse agente faz-se necessária para a continuidade do processo de organização principalmente para o fortalecimento do grupo 1 e aprimoramento das normas de monitoramento da feira.

Quanto à participação dos produtores na construção de regras que os levam a resultados mais positivos na prática, o estudo concluiu que o processo participativo mostrou que a com-



preensão das regras do regulamento foi muito maior comparando com as regras de certificação, principalmente pelo grupo 1, indicando uma maior eficiência nesse sentido; porém, o processo de implantação desse regulamento na prática carece de mais aprimoramento do sistema de monitoramento dos produtores, principalmente dos que fazem parte da comissão de feira. Mesmo com o monitoramento sendo frágil, os produtores conseguiram construir uma estrutura para esse objetivo. O processo participativo do regulamento também demonstrou uma maior compreensão por parte dos produtores dos grupos 2 e 3. Além disso, a construção participativa do regulamento ampliou a voz dos diferentes grupos da feira.

Em suma, a construção conjunta do regulamento ajudou os produtores na compreensão e clareza das regras a serem usadas, e apesar de o monitoramento ainda ser frágil, pesquisas recentes com a coordenadora da associação mostraram, depois de um ano da implantação das novas regras, que 95% dos produtores da feira estão efetivamente cumprindo-as. Os 5% restantes são produtores do grupo 3 que não cumpriram as regras. Isso indica que à medida que os produtores com menor grau de instrução adquirem conhecimento, suas ações se efetivam.

Este trabalho demonstrou a viabilidade da organização dos produtores e o benefício que a utilização do processo participativo na construção das regras de conduta poderá levar ao âmbito da certificação. Sugere a necessidade da introdução de métodos participativos na certificação de grupo por auditoria externa e a introdução da Certificação Participativa em Rede (CPR) em grupos de agricultores familiares, além da construção do “capital social” no processo de não certificação associado à venda direta, por agricultores familiares no Estado de São Paulo.

Numa situação em que uma comunidade foi contruída num espaço para comercializar, relações de confiança e solidariedade foram criadas entre os agricultores exclusivamente familiares e familiares, o que permite considerar a possibilidade de desenvolvimento de processos de certificação mais apropriados à sua realidade social, cultural e econômica. De que maneira a AAO pode contribuir para caminhos alternativos é uma questão que se coloca para a entidade nos próximos anos. Em contrapartida, demonstra o desafio colocado para a nascente Articulação Paulista de Agroecologia (APA), voltada fundamentalmente para as questões específicas da agricultura familiar (CARVALHO, 2005).

## LITERATURA CITADA

ASSIS, R. L. de. **Agroecologia no Brasil**: análise do processo de difusão e perspectivas. 2002. Tese (Doutorado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas.

BRITO, P. R. B. de. **O controle social no processo de certificação de grupo por auditoria externa**: o caso APROVE pela AAOcert. São Paulo, 2006. 133 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Y. M. C. Agricultura orgânica e agricultura familiar. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO - SBSP, 5., 2002. Florianópolis, **Anais...** CD ROM.

\_\_\_\_\_. **Construindo a rede paulista de agroecologia**. Disponível em: <[www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br)>. Acesso em: 17 maio 2005.

\_\_\_\_\_. Construindo solidariedade no movimento orgânico. In: FACES do Brasil. São Paulo. 2004a.

\_\_\_\_\_. **O papel do movimento orgânico na regulação do mercado**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: 16 mar. 2004b.

EHLERS, E. A agricultura alternativa: uma visão histórica. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 24, n. esp., p. 231-262, 1994.

**AGRICULTURA FAMILIAR E CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DE NORMAS  
REGULADORAS DA AGRICULTURA ORGÂNICA EM SÃO PAULO:  
Feira da Associação de Agricultura Orgânica (AAO)**

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é verificar a necessidade, o interesse e a capacidade de os produtores orgânicos familiares paulistas se organizarem coletivamente para construírem suas próprias normas em São Paulo, mais especificamente na Feira de Produtos Orgânicos da Associação de Agricultura Orgânica (AAO) no Parque da Água Branca, cidade de São Paulo. Em que medida a participação dos produtores na construção de regras leva à maior compreensão e a resultados mais positivos na prática delas. O trabalho identificou três tipos de produtores: exclusivamente familiar, familiar e patronal. O trabalho mostrou que com a introdução de processos de construção de regras e procedimentos mais participativos na feira os produtores, principalmente nos exclusivamente familiares, haverá maior organização, compreensão e efetividade dos processos. Por fim, o trabalho evidenciou a necessidade de métodos participativos em processos de certificação por auditoria externa.

**Palavras-chave:** agricultura familiar, certificação, participação, capacitação, organização.

**FAMILY FARM AND THE PARTICIPATORY CRAFTING OF REGULATORY  
NORMS: the Organic Agriculture Association's Farmer's market**

**ABSTRACT:** The goal of this paper is to verify the extent to which there is need, interest and skill for family farmers to collectively organize and craft their own norms in Sao Paulo State. The case in point regards the farmers' market of the Organic Agriculture Association (OAA) at the Água Branca Park. Also herein examined was the extent to which producers' participation in building rules allowed them to gain not only a deeper understanding of the same, but also more positive results in rule enforcement. Three types of farmers have been typified as follows: exclusively family farmer, family farmer and large farmers. The paper has showed that the introduction of rule-building processes combined with more participatory procedures brought farmers - mainly exclusively family farmer, among which exclusion is more entrenched - a stronger organization, understanding and effectiveness in those processes. Finally, the paper has evidenced the need for participatory methodologies in the third party certification processes.

**Key-words:** family farm, certification, participation, capacity building, organization.

---

Recebido em 24/02/2006. Liberado para publicação em 30/05/2006.